



DIÁSPORA AFRICANA NO CEARÁ: DESAFIOS DIANTE DA ALTERIDADE E RESSIGNIFICAÇÕES DE IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS

Ercílio Neves Brandão Langa¹

Resumo: Este artigo aborda a diáspora africana no Ceará, indagando acerca das interações e representações que se estabelecem entre cearenses e imigrantes africanos, em um contexto marcado pela discriminação racial e dificuldades econômicas. Nesta saga, os africanos vêm invisibilizados, tornam-se visíveis somente quando caminham em grupos ou apresentam problemas nas faculdades. Diante da alteridade, os imigrantes ressignificam as suas identidades étnico-raciais, em um processo sempre relacional e, estranhando o lugar em que são colocados pela sociedade. A partir de uma análise etnográfica, estabeleço uma tipologia de identitária entre os imigrantes e, defendo a idéia de que estes sujeitos apresentam as suas distinções, mas também expressam marcas da colonização ocidental, inculcadas ao longo da História.

Palavras-chave: Diáspora Africana, Ressignificação de identidades, Identidades Étnico-raciais.

Introdução

Em suma, o metropolitano aceitaria o imigrante se ele fosse invisível e mudo; ora, a partir de certa densidade demográfica, o fantasma adquire uma terrível consistência; ainda mais pelo fato de que, mais seguro por causa do número, ousa, ao contrário, falar alto, e em sua língua natal, a às vezes vestir-se com seu traje tradicional! (ALBERT MEMMI, 2007:108).

A presença de imigrantes africanos no Estado do Ceará iniciou na segunda metade da década de 1990, quando desembarcou o primeiro grupo de estudantes oriundos de Angola. Neste período vinham africanos oriundos de países de expressão

¹ Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na Universidade Federal do Ceará, e bolsista de produtividade do CNPq. Licenciado em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma universidade. E-mail: ercilio.langa@gmail.com.

portuguesa, em grupos de cinco a dez estudantes, através do PEC-G². A partir de 1998, ocorre a imigração de estudantes bissau-guineenses, devido à instabilidade sócio-político-econômica daquele país, aliada à existência de apenas uma instituição de ensino superior. No início desta imigração africana, os estudantes vinham somente para estudar na universidade federal do Estado. A imigração de estudantes com contratos para estudar em faculdades privadas iniciou mais tarde.

Entre 1998 e 2000 têm início a imigração de estudantes cabo-verdianos, que se concentraram principalmente no bairro Papicu, próximo a uma universidade particular, onde estes constituem a maioria africana. Neste período, ocorre também a vinda de estudantes são-tomenses, angolanos e moçambicanos em menor número, em grupos de cinco a dez, e outros vêm individualmente. Entretanto, no ano 2001 tem início a imigração massiva de estudantes africanos ao Ceará, a maioria com contratos com universidades privadas firmados nos países de origem, onde se destaca a presença de Bissau - guineenses e de cabo-verdianos.

Nos anos subseqüentes, a presença dos africanos se torna mais visível, assim como seus problemas com as faculdades privadas, que afetam, particularmente, os estudantes oriundos da Guiné-Bissau que, sem condições financeiras para pagar as mensalidades nas faculdades, institutos particulares e, os aluguéis das *kitchenettes*³, vão se evadindo das escolas. A esta situação acresce-se a não renovação dos vistos de estadia e, conseqüentemente, a indocumentação pela Polícia Federal, que normalmente acontece no ano seguinte após a chegada ao Brasil.

No ano de 2011, A Polícia Federal do Estado registrou cerca de mil e duzentos imigrantes africanos no Ceará, dos quais, cento e trinta estudantes africanos estudavam na Universidade Federal, cerca de vinte na Universidade Estadual, e cerca de mil nas diversas faculdades particulares, cursando vários cursos, cuja maioria é proveniente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP (BRÁS, 2011:4). Nesta saga migratória, a última dezena de migrantes africanos desembarcou em Fortaleza no mês

² Programa de Estudantes Convênio - de Graduação, criado em 1965, administrado pelo Ministério das Relações Exteriores e pelo Ministério da Educação. No total, fazem parte deste Programa 45 países, com 32 países efetivos que enviam estudantes de África, América Latina e Timor-Leste. O continente africano apresenta o maior contingente de estudantes, com 20 países que enviam estudantes todos os anos. Em 2010 haviam ingressado nas universidades federais e estaduais brasileiras, cerca de, 383 estudantes africanos, na sua maioria, oriundos de Guiné-Bissau, Cabo-Verde e Angola. Fonte <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.html>. Acessado em 21 mai de 2012.

³ Do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2000). Em Fortaleza *Kitinetes*, refere-se apartamentos de pequenas dimensões com espaço para uma pessoa, para alugar, normalmente constituído por cozinha e quarto conjugados, com banheiro.

de Maio de 2011, com 39 estudantes oriundos de Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São-Tomé e Príncipe, e de Timor-Leste, país localizado na Ásia, que, recentemente alcançou a independência. Estes estudantes têm com contratos para estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, inaugurada em Maio de 2010, em Redenção, município interior do Estado do Ceará ⁴.

Observo que número de imigrantes se apresenta muito maior do que o cadastrado pela Polícia Federal ⁵, pois, muitos imigrantes encontram-se em situação ilegal. Um número significativo não consegue prorrogar o visto de estudante, enquanto que, uma minoria desembarca via marítima a partir de porões de navios de carga. Outros chegam a Fortaleza, vindos de outros Estados brasileiros, e por último, número considerável de imigrantes africanos se encontra em presídios do Estado, presos por tráfico internacional de drogas ⁶.

Por outro lado, a imigração massiva de africanos no início do século XXI também foi impulsionada pelo discurso governamental do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de suas várias viagens de “aproximação” à África, fortificando novas relações sociais e econômicas com o continente africano, particularmente no ensino superior, através de estágios profissionais, bolsas de estudo, cooperação e convênios nos quais, estudantes africanos vêm estudar no Brasil, e não só ⁷. A fortificação e ampliação destes

⁴ O Ceará ganhou destaque nacional, e particularmente, a província de Redenção no interior do Estado, orgulham-se de ter sido o primeiro lugar no Brasil a abolir a escravidão, em 1884. Por este motivo, a região de Redenção foi escolhida simbolicamente para sediar esta universidade, inaugurada no dia 25 de Maio de 2010, para coincidir com as comemorações dia de África, que se comemora nesta data.

⁵ As autoridades brasileiras não têm permitido a prorrogação do visto de estudante – visto temporário Ítem IV – aos estudantes africanos que troquem de uma faculdade para outra, senão para aquela com a qual o estudante estabeleceu o primeiro vínculo e que o confirmou por carta quando da aceitação da sua vinda ao Brasil. Este se configura como o principal motivo da “indocumentação” e existência de muitos estudantes africanos em situação ilegal no Estado. Os estudantes trocam de faculdade e de curso de forma recorrente, atraídos por preços das mensalidades mais baixos, praticados por umas e outras instituições de ensino privadas em disputa pelo “mercado” de estudantes africanos existente em Fortaleza-CE.

⁶ Estas informações são avançadas pelos próprios imigrantes, estudantes membros da Associação de Estudantes Africanos do AEAC. De acordo com um imigrante africano, egresso de um dos presídios situado na Região Metropolitana de Fortaleza, os africanos constituem a maioria, no quantitativo de estrangeiros nos presídios do Estado, a maioria cumprindo pena por tráfico internacional de drogas. Os imigrantes-estudantes residindo em Fortaleza e, em situação legal, não tem conhecimento de quantos compatriotas estão presos nas cadeias do Estado, apenas ouvem falar destas histórias, informadas por outros imigrantes e pela imprensa.

⁷ Um fenômeno interessante em Fortaleza é vinda de imigrantes africanos com vistos “religiosos”, ligados à diferentes congregações religiosas, católica, evangélica, adventista e, religião islâmica. Em 2011, um imigrante africano criou um grupo de oração às sextas-feiras, e

convênios pelos dois últimos governos brasileiros, particularmente com os países africanos de língua portuguesa, veem sendo apresentada como cooperação entre países do “Sul”, mostrando uma nova imagem do Brasil na cooperação internacional, como um país irmão e acolhedor. Assim, o Brasil passa a atrair imigrantes africanos e não só, que desembarcam em busca de oportunidades de estudo e de trabalho, buscando experiência num país em crescimento.

Ao analisar os sentidos das migrações internacionais na atualidade, Castro (2008) relaciona a imigração ao empobrecimento de determinadas classes sociais, ao aumento das desigualdades entre nações, a aspiração a mudanças e à circulação, como motivos pelos quais as pessoas migram. A globalização da economia é apontada pela autora, como outro sentido da imigração, ao influenciar os indivíduos a migrar em busca de oportunidades de mobilidade social e melhores condições de vida. Contudo, a globalização também é responsável por ampliar a distância dos que têm e os que não têm, potencializando a culturas de estranhamento em relação aos imigrantes. De acordo com a autora, “ser migrante confere, portanto, uma identidade, quer para o sujeito que está migrante, quer para aqueles não migrantes com quem ele/ela se relaciona, mas também um processo de des-identificação” (CASTRO, 2208:10).

O processo migratório que aqui descrevo, entre países do “Sul” perspectiva novas configurações histórico-político-econômicas e sociais entre o Brasil e as elites africanas, no qual o Brasil se destacou como o país que mais recebeu mão-de-obra escrava africana.

Africanos no Ceará: o choque diante a alteridade

Os imigrantes africanos saem de seus respectivos países com expectativas acadêmicas em relação ao Brasil, um país em desenvolvimento, com experiência e enorme produção acadêmica, alimentando esperanças de facilidades de inserção por conta de uma língua e culturas em comum – a língua portuguesa, a culinária, a religiosidade e a cultura negra, trazidas pelos escravos. Chegados ao Brasil, os imigrantes africanos enfrentam diversos desafios, particularmente, as dificuldades econômicas devido ao elevado custo de vida desta metrópole e a discriminação racial em graus e formas distintas das encontradas em nas suas terras de origem. Os imigrantes

em sua volta se criou um grupo de fiéis, que parecem configurar a primeira mesquita em Fortaleza, cujo maior número de fiéis são oriundos de países da África Ocidental.

africanos são invisibilizados pela sociedade cearense, homogeneizados através da negação de possuírem identidades distintas.

No cotidiano em Fortaleza, os africanos percebem a dificuldade dos brasileiros em chamá-los pelos nomes próprios e, assim como pelo fato de facilmente esquecerem-se de suas nacionalidades e nomes de seus países de origem, substituindo-os pela categoria nativa brasileira *negão*. Quando são visibilizados, são apresentados como indivíduos exóticos, tradicionais, polígamos, islâmicos, vestindo roupas coloridas, falantes de línguas estranhas, analfabetos, dentre outros estereótipos existentes. Muitas vezes, criam-se barreiras à integração destes sujeitos que, vem sendo obrigados a submeter-se a cursos de língua portuguesa como requisito fundamental para frequentar os diversos cursos oferecidos. Já os africanos que se vestem de modo formal ou ao estilo ocidental, ou que se expressam bem nas línguas portuguesas, inglesa e francesa, são vistos como o outro extremo, como *querendo se fazer de brancos*, passam por indivíduos desviantes, tidos menos africanos, ocidentalizados e ou sem identidade própria.

O primeiro grupo de imigrantes, residentes há quase mais de uma década no Estado revela ter sido mais atingido com o “choque” com esta alteridade, por conta do preconceito e discriminação racial, em um contexto em que tais assuntos não constituíam agenda nos debates na sociedade e mídia e governos brasileiros, anteriores ao “governo Lula”. Os imigrantes relatam que, além da discriminação, durante vários anos viram-se invisibilizados e chamados de baianos, paraibanos e piauienses, por conta dos estigmas de cor de pele e local de origem, existentes, particularmente em relação ao norte e nordeste do Brasil. Já os imigrantes mais recentes chegam num momento de “exaltação da negritude brasileira” e de políticas sociais compensatórias, através da implementação das cotas raciais por diversas instituições de ensino superior.

A aprovação da Lei 10.630/03 que torna obrigatório o ensino da História de África no Brasil, os inúmeros processos judiciais por conta da discriminação racial, o pico das ações das Secretarias de Promoção de Igualdade Racial e o reconhecimento de terras como remanescentes de comunidades quilombolas, também resultaram em maior respeito pelas “diferenças” no Brasil.

Entretanto, a diáspora africana em Fortaleza apresenta os seus paradoxos e contradições. Os imigrantes têm sido atraídos e se integrado na sociedade cearense a partir do trabalho, ainda que de forma precária, através de empregos – como seguranças, garçons e vigias, aprendizes na construção civil em pequenas obras para os homens e,

como atendentes de lojas, garçonetes, enfermeiras para as mulheres, – conseguidos como estágios acadêmicos remunerados ⁸.

Uma hipótese que pode ajudar a entender esta “atração” num contexto dominado pela discriminação racial e dependência econômica, são as idéias relativas ao crescimento econômico da capital e a existência de um déficit de homens no Ceará ⁹. Em outras ocasiões em que apresentei este trabalho, alguns estudiosos avançaram a hipótese de que, mesmo sendo uma cidade bastante segregada, o crescimento econômico de Fortaleza aliado ao déficit de mão de obra, seriam fatores que atrairiam migrantes, através dos quais, as profissões masculinas mais desvalorizadas socialmente e mal pagas (empregos temporários e sem carteira assinada como garçom, controlador de estacionamento, peão de obras de construção civil, segurança privada, empregados do pequeno comércio, etc.) passam a estar disponíveis para os imigrantes africanos, que necessitam de dinheiro para se alimentar, morar e se locomover na cidade. Deste modo, aos poucos os imigrantes africanos vão se transformando em novos párias de Fortaleza, constituindo a parcela da população da capital do Estado.

Mesmo sendo uma das regiões onde a discriminação racial é bastante visível, onde as pessoas de pele mais clara ao avistarem, ainda de longe, outra de pele mais escura, imediatamente trocam de calçada. Mudam de lugar no ônibus e em filas de acesso a serviços como bancos, casas lotéricas, lojas e hospitais. Locatários não alugam os apartamentos e *kitinetes* para negros e africanos e, a polícia aborda preferencialmente pessoas de pele mais escura. Ao mesmo tempo, o Ceará apresenta-se como um dos Estados brasileiros que mais atrai imigrantes africanos. Esta atração pode ver justificada em parte pela proximidade geográfica do Ceará com países como Cabo-Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Outra situação instigante são as interseccionalidades entre africanos e brasileiros envolvendo, particularmente, imigrantes do sexo masculino e “coroas” brasileiras. Ao lado destas interações afetivo-sexuais, ocorrem outras interações, ainda que em menor

⁸ A maioria dos estudantes conseguem estes trabalhos através dos famosos estágios-remunerados. Muitos africanos cursam áreas de administração, marketing e outras áreas ligadas à contabilidade, comunicação e gestão de informação nas faculdades particulares, que os atraem com a promessa de estágios-remunerados ao final dos cursos. Assim, empregam-se como panfleteiros, vigias de lojas nos shoppings centers e de seus estacionamentos, enfermeiras, garçons e garçonetes, mas também em cartórios e instituições ligadas às universidades federais e estaduais na condição de estagiários.

⁹ Esta informação deverá ser alvo de reflexão. Durante a apresentação deste trabalho em alguns eventos acadêmicos, alguns pesquisadores e colegas avançaram esta hipótese. Assim, a mesma hipótese explicaria parte da atração afetivo-sexual das mulheres cearenses pelos imigrantes africanos, que abordo mais à frente.

grau, envolvendo africanos e travestis brasileiros, assim como, um grupo de mulheres africanas que se prostituí cujos clientes são preferencialmente homens brasileiros.

Mesmo diante destes desafios e paradoxos, a maioria dos imigrantes pretende ficar no Brasil, conseguir a autorização de residência permanente, um emprego com carteira assinada. Enfim, os imigrantes vieram para ficar.

O cotidiano dos imigrantes: discriminação, sexualização e outros desafios

Nas interações, os cearenses olham para os africanos de forma ambivalente: discriminando-os ou sexualizando-os. Os olhares que discriminam e sexualizam os africanos no Brasil têm raízes históricas profundas, que remontam do período da escravidão aos tempos contemporâneos. Por outro lado, Estudiosos dos estudos culturais argumentam que a discriminação é uma característica na construção da alteridade no discurso colonial. Bhabha é um dos autores que abre vias analíticas para compreender tais situações, ao relacionar o problema da discriminação racial como resultado de um discurso político relacionado com a questão da raça e cor da pele. De acordo com este autor, “a fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca” (BHABHA, 2010:105).

Além destas situações, surgem outros desafios para os imigrantes nas interações com as autoridades brasileiras, tal é o caso das dificuldades na abertura de contas bancárias e da recusa de renovação/prorrogação do visto de estadia no país, pelas autoridades brasileiras e, a conseqüente estadia ilegal de estudantes vinculados aos convênios. Tal situação, normalmente, acontece no seguinte por não satisfazerem as exigências das autoridades brasileiras no tocante comprovação de rendimentos financeiros, carta de um cidadão brasileiro responsabilizando-se pelo estudante, condições exigidas pelas autoridades brasileiras para que residam no Brasil.

De fato, muitos africanos encontram dificuldades para alugar apartamentos e kitinetes, pois, quase sempre, os locatários afirmam que os seus apartamentos estão todos ocupados ou não estão disponíveis, quando se deparam diante de um africano, ou quando ao telefone, percebem tratar-se da voz de um africano, por ter um sotaque próximo do português falado em Portugal. De forma recorrente, os estudantes africanos cursando em faculdades particulares evadem-se da escola no ano seguinte, devido aos

preços das mensalidades e juros praticados em caso de atraso no pagamento. Alguns destes sujeitos conseguem trabalhos precários e inseguros, em pequenas lojas e mercadinhos, oficinas, construção de edifícios, comércio e fábricas. Aqueles que conseguem manter-se nas faculdades sobrevivem da ajuda dos movimentos pastorais ligados à igreja católica. Acerca da realidade vivenciada em Fortaleza, Mendes (2010) bem descreve o choque dos imigrantes africanos com a sociedade cearense:

Os estudantes africanos, ao chegarem no Ceará, não estão inteirados dos limites sociais tradicionalmente construídos pelos brancos para segregar os negros. Não estão informados desses espaços de exclusão, eles rompem as fronteiras estabelecidas e transitam em espaços brancos. (MENDES, 2010:77).

As situações de discriminação racial são recorrentes no cotidiano, onde os africanos sentem ‘na pele’ distintas formas de discriminação quando acessam serviços públicos e privados como Polícia e Receita Federais, instituições bancárias, lojas e supermercados. Ao analisar o desvio nas sociedades, Becker (2008:42) afirma que determinados grupos sociais possuem uma “identidade desviante” nas sociedades, que igualmente os atribui “um status principal e vários status auxiliares”. Tal como a população afro-descendente, os imigrantes africanos, constituídos em sua maioria por indivíduos de raça negra, não escapam aos processos de preconceito racial que marcam a sociedade brasileira. Senão, vejamos o depoimento de um estudante africano, residindo há dezenove meses em Fortaleza:

Uma vez, fui consertar o meu laptop em uma loja de informática no bairro Varjota. O técnico de informática explicou-me que se pagasse em espécie teria 10% de desconto. Assim, dirigi-me ao caixa eletrônico mais próximo, que ficava em um posto de gasolina na esquina das avenidas Santo Dumont e Coronel Jucá, dentro de uma padaria/lanchonete para sacar o dinheiro. Entrei na lanchonete, me dirigi ao caixa eletrônico e formei a fila. Segundo depois, percebi que os clientes da lanchonete e outras pessoas que estavam na fila se sentiam incomodados com a minha presença naquele local porque era negro.

Os imigrantes africanos possuem uma identidade desviante – são negros –, somente, depois é lhes atribuído o status principal – estrangeiro –, e finalmente os status auxiliares – estudante universitário, professor, músico, enfermeiro, peão, etc. Por outro lado, os africanos também sofrem com o preconceito, discriminação e distância social diante dos negros brasileiros, que muitas vezes acreditam que os imigrantes vêm ao Brasil ocupar os lugares que por direito seriam seus, existindo a percepção de que os africanos são “cotistas” - estudantes beneficiários das cotas raciais no ensino superior no Brasil.

A diáspora africana, constituída majoritariamente por estudantes e alguns professores – com níveis de graduação, mestrado e doutorado, – estranha o lugar em que

a sociedade cearense os coloca, talvez porque seus integrantes ocupem posições de classe de poder e prestígio nos seus países de origem, ou por questões culturais vivenciadas em seus países de origem no tocante à raça e no que se refere ao tratamento reservados aos estrangeiros. Ao que parece, muitos africanos que vêm ao Brasil são oriundos das classes médias nos seus países de origem, ou são indivíduos pertencentes a classes escolarizados que vivem no espaço urbano próximo ao poder público. Outros são oriundos de famílias abastadas, e outros ainda de famílias com experiência e tradição de imigração para Europa e EUA, que enviam dinheiro para pagar a sua estadia no Brasil.

Durante muito tempo, os imigrantes africanos acreditaram que as instituições de educação e ensino seriam os locais por meio dos quais seriam aceites e se integrariam na sociedade cearense. Pelo contrário, estas instituições se revelam como os locais onde a discriminação se torna recorrente¹⁰, direções, professores, alunos e funcionários os discriminam somente porque tem a pele mais escura, tratando sempre melhor os estudantes de pele clara, brancos, ou originários da Europa e outros países da América Latina. No Brasil, a discriminação racial tem raízes históricas que remontam do período da formação da identidade nacional, perpassada por políticas de importação de mão-de-obra imigrante, particularmente, pela importação seletiva de mão de obra camponesa estrangeira e “branca”. Atualmente, muitos africanos com boas qualificações acadêmicas e profissionais não conseguem trabalho no Brasil, ficando estupefatos, com a diferença de tratamento que é dado aos imigrantes europeus.

É neste cenário, que surgem nas faculdades públicas e particulares, as primeiras associações estudantis que congregam os imigrantes africanos no Ceará. Estas organizações surgem com objetivos acadêmicos, porém, suas reivindicações e debates vão muito além das questões acadêmicas, envolvendo questões relacionadas à negritude, racismo, organização de festas e atividades culturais, inserção profissional, visando promover os direitos e interesses destes sujeitos. Diante do estigma e discriminação tendo por base a cor da pele e lugar de origem, os imigrantes estudantes africanos

¹⁰ Em um dos episódios de discriminação racial, a direção de uma das faculdades particulares distribuiu um aviso, cujo conteúdo continha conselhos aos alunos africanos, exortando-os a tomar banho pelo menos duas vezes ao dia, usar perfumes, cremes e loções de pele, pentear o cabelo, escovar os dentes, cortar as unhas, etc. Esta lista causou mal-estar entre os alunos e terminou com um processo judicial aberto por uma associação de estudantes africanos. Depois de redigir o relatório que narrava os acontecimentos para submetê-lo ao juiz, os alunos tiveram receio de assinar os seus nomes no referido relatório, e o processo terminou por ai. Na mesma faculdade existem turmas onde os alunos brasileiros sentam-se nos lugares da frente e os alunos africanos nas cadeiras de trás.

redefinem e reconstróem suas identidades. Esta reconstrução de identidades é expressa através de gestos visíveis e identificatórios perante os outros, de discursos e narrativas sobre as culturas nos seus países de origem.

A ressignificação de identidades

O conceito de ressignificação é o mesmo adotado por Sahlins (1990), referindo-se aos novos sentidos atribuídos pelos indivíduos às suas ações. De acordo com este antropólogo, dependendo do contexto vivido, que é situado historicamente, pode haver mudanças na relação de posição entre as categorias culturais dos indivíduos. Para Mourão (2009), a ressignificação não se restringe apenas a circunstâncias de contato intercultural, no caso dos estudantes guineenses e cabo-verdianos no Brasil. Este conceito pode ser aplicado também à mudança cultural: eventos históricos processuais de mudanças ocorridos dentro de uma mesma sociedade. Esta autora considera este conceito um importante recurso metodológico na reflexão acerca dos processos de colonização e pós-colonização por que passam os países dos sujeitos pesquisados.

Ao abordar sobre a construção de identidades na diáspora, Santos (2010) abre uma via analítica profícua, ao observar que as identidades étnicas são produzidas em contextos de imigração, nos quais, o discurso identitário está vinculado ao processo migratório. A autora questiona a origem dessa identidade e como ela é elaborada, afirmando que a identidade étnica é geralmente apresentada como uma identidade biográfica, genealógica e narrativa, na qual, os indivíduos naturalizam a descendência que reifica as tradições e produções. Na sua ótica, esta identidade é construída por oposição e constantemente negociada, portanto, sempre relacional e, acrescenta que a idéia de identidade cultural é bastante utilizada para o estudo de grupos migrantes, sendo freqüentemente intercambiada com o conceito de identidade étnica.

Ao analisar a situação vivenciada pelos africanos no Ceará, percebo que a primeira ressignificação de identidades ocorre quando estes sujeitos se confrontam com o preconceito e discriminação raciais muito marcantes na sociedade. Discriminados por serem *negros* e africanos, e por isso, tratados como seres inferiores, os imigrantes se descobrem e passam a considerar-se *negros*, em oposição aos *brancos* brasileiros, e em relação ao *marrom*, *cor de jambo*, *cor de chocolate*, etc., categorias nativas com que se denominam os negros, mestiços e pardos brasileiros. Entretanto, a identidades ressignificada ou reivindicada pelos imigrantes não se verifica ao nível étnico, mas sim

ao nível de cor da pele e de região de origem.

A preocupação com a questão da identidade que discuto neste artigo é inspirada nas ideias de Hall acerca das identidades na modernidade tardia. Hall (2006) defende que as velhas identidades estão em crise e em declínio, em amplo processo de mudança. A sua obra tem como argumento principal de que:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2006:7).

Contrariamente às percepções e representações da sociedade cearense que os unifica, encarando-os como homogêneos e oriundos de um mesmo país, os imigrantes africanos não se sentem iguais. Sentem-se diferentes uns em relação aos outros, diante de imigrantes de outros países e, até mesmo, quando pertencem a regiões distintas de um mesmo país, manifestando “estranhamento” uns em relação aos outros. De fato, muitos cearenses encaram África como um país e não um continente. Quase sempre feminizam o continente, designando “A África”, ou designam-na de África do Sul, o primeiro país africano a sediar uma Copa do Mundo de Futebol no ano 2010. Às vezes chamam de africanos, aos países que constituídos por populações negras, como são os Casos do Haiti e Jamaica. Em Fortaleza, os imigrantes se autodenominam “comunidade africana” quando estão unidos e voltados para questões coletivas, como adaptação, resolução de problemas cotidianos, sobretudo questões materiais, alugar apartamentos e dividir despesas (MOURÃO, 2009). Entretanto, pesquisas com imigrantes africanos em outros países mostram que, mesmo sendo tratados como homogêneos pelos países de acolhida de habitarem os mesmo espaços, muitas vezes, eles não se veem como iguais, se estranham e se odeiam mutuamente (GUSMÃO, 2006).

Após entrar em contato com uma sociedade fortalezense, bastante segregada, com distintas formas de exclusão e de inclusões precárias através do consumo, dá-se uma redefinição e ressignificação das identidades nos imigrantes africanos. Entretanto, os próprios africanos há distinções e hierarquizações. De acordo com Bourdieu (2008), a distinção corresponde a uma estratégia de diferenciação que está no âmago da vida social. É uma propriedade relacional que marca um desvio, uma diferença em relação a outrem e que funda uma hierarquia entre indivíduos e grupos – é o suporte de estratégias inscritas nas práticas sociais.

Assim sendo, no cotidiano desta diáspora, emergem diferenças identitárias entre os próprios imigrantes que se distinguem, segundo o país de origem e seu nível de

riqueza, região de origem (se é rural ou urbana), classe social, nível renda familiar e prestígio social. Mas também, conforme o grau acadêmico e tipo de instituição de ensino que frequenta (se é pública ou particular, federal ou estadual, etc.), marcas de roupa, estilo de vestir e música que escutam (se ocidental, africana ou brasileira). Esta ressignificação de identidades mostra-se próxima a que Hall designa de "descentramento dos indivíduos".

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentramento do sujeito. (HALL, 2006:9).

A maioria dos imigrantes expressa as suas diferenças através da língua - o *crioulo* - usada na maior parte da comunicação no cotidiano, pela forma de ser e estar diferente dos brasileiros e dos outros africanos. Neste cenário, a língua se mostra o aspecto identitário mais visível no dia a dia dos africanos residentes no Ceará. Outro exemplo desta alteridade é a habilidade com que alguns africanos se sentam - de cócoras e sem auxílio da cadeira - durante as conversas com outros africanos. Outra expressão identitária são as músicas e danças durante as festas africanas – o *gumbê* da Guiné-Bissau, o *kuduro* de Angola, o *zouk* e o *funaná* de Cabo-Verde, a *marrabenta* de Moçambique, – que contam com a participação de dezenas e às vezes centenas de brasileiros ¹¹.

Os cabelos trançados de distintas formas, ou soltos ao estilo *black power* representam um meio de identificação cultural e étnica tanto entre homens e mulheres desta diáspora. Outra forma de identificação se dá através da culinária, particularmente em festas e ocasiões comemorativas, nas quais, cozinham-se pratos tipicamente africanos, gordurosos, com bastante amendoim, coco, dendê, tal é o caso da *katchupa*, prato comum em Cabo-Verde e Guiné-Bissau.

Entretanto, aspectos materiais também são usados como forma de expressão identitária e cultural, tais são os trajes africanos de cores garridas, amarelo, o vermelho e o verde; e camisetas com fotografias de heróis de suas nações de origem ou com as cores das bandeiras dos países de origem. Durante os eventos, quase sempre os

¹¹ No ano 2010, as comemorações do 25 de Maio dia, de África, os imigrantes organizaram uma “semana africana” que inclui palestras nas faculdades, torneio de futebol, dança, música, um debate televisivo, que culminaram com a Festa Africana, no qual estiveram presentes cerca de 642 pessoas, dos quais, quase metade eram brasileiros, majoritariamente mulheres jovens e adultas.

imigrantes africanos exibem roupas tipicamente "africanas", túnicas e calças leves, assim como tocam instrumentos de música tipicamente africanos. Deste modo, os imigrantes parecem apresentar uma cultura homogênea, referente à África e suas culturas.

Porém, ao mesmo tempo em que reivindicam valores culturais que os remetem à África, encontramos um *hibridismo cultural*, na qual os africanos passam a professar a religião católica, as igrejas evangélicas, assim como a participação massiva de africanos no carnaval brasileiro e nas festividades do Maracatu, com roupas e vestes brasileiras. Durante os cultos religiosos nas congregações religiosas, é possível ver a combinação e harmonia de instrumentos de música africanos e brasileiros, criando uma sonoridade singular às canções. Bhabha (2010:165) designa de hibridismo, “ao deslocamento de valor do símbolo ao signo que leva o discurso dominante a dividir-se ao longo do eixo de seu poder de se mostrar representativo, autorizado”. Para o autor, os sistemas culturais são construídos no espaço contraditório e ambivalente da enunciação, no qual, as ideias de originalidade e pureza culturais são insustentáveis. Assim, diante da alteridade, os homens demonstram serem seres livres para negociar e traduzir suas identidades culturais na temporalidade descontínua, intertextual, da diferença cultural.

Neste processo, as religiões constituem um mecanismo de hibridização, interação e assimilação entre as culturas brasileiras e africanas, não apenas pela fé, mas também através de casamentos entre imigrantes africanos, e casamentos binacionais entre mulheres brasileiras e jovens africanos mediados pela igreja. Contudo, nesta hibridização, percebe-se o domínio da cultura identitária brasileira, que aparece mais expressiva, com maior quantitativo de fiéis, que se sobrepõe aos costumes africanos e suas identificações. Um exemplo desta assimilação cultural e identitária são os casamentos entre os imigrantes africanos que viviam em uniões consensuais, *amancebados*, oficializando essa relação na igreja e no cartório, ou seja, "perante Deus e, perante os homens", quando em África predominam as uniões consensuais.

É necessário lembrar que a existência de nomes europeus, religiosidade católica e outras situações, são situações comuns entre os imigrantes, revelando-se marcas históricas da colonização. Assim, a omissão ou ênfase dos nomes, sobrenomes e apelidos africanos nas interações cotidianas com brasileiros e no momento da assinatura de documentos não oficiais configuram outro aspecto desta negociação identitária. Do mesmo modo, muitos africanos optam por vestir, somente, trajes ocidentais, optando pelas gangas, "blue jeans" e camisetas de marcas europeias, americanas e até brasileiras,

como os *shorts* curtos, camisetas e havaianas, em um estilo informal, *largado*, mesmo dentro de instituições formais como faculdades. Outros mesclam o uso das vestes ocidentais com trajes africanos e, outros ainda, vestem somente roupas “afros”.

Portanto, se por um lado temos um processo de afirmação de uma, por outro lado temos um processo de negação das identidades e culturas africanas. Estas mudanças ocorridas no modo de estar e de vestir dos imigrantes africanos podem ser contextualizadas na pós-modernidade e no processo de globalização da cultura ocidental. No cotidiano dos imigrantes africanos ocorre esta hibridização cultural, onde se assimilam e ocorrem trocas não somente ao nível da vestimenta e religiosidade, mas também de culinária, sexualidade, linguagem e formas de ser e estar. Um exemplo desse processo é a adoção da forma, do sotaque e expressões do “português brasileiro”, seus jargões durante a conversação, mas também a “reinvenção” de pratos e formas de cozinhar, musicalidade, as mudanças de orientação sexual entre africanos e a *cultura* do corpo malhado.

Conclusões preliminares: niggers, ocidentais, afros e atlânticos, as identidade ressignificadas

Diante da alteridade, os imigrantes africanos residentes em Fortaleza ressignificam as suas identidades, particularmente, a racial. Ao mesmo tempo, revelam as marcas da “colonização cultural ocidental” em suas expressões identitárias e culturais. Tal acontece, particularmente, através do consumo e de seus modos de ser e estar. A identificação com o mundo ocidental revela-se através do consumo de roupas, particularmente europeias e americanas, e de celulares *touch screen*, trocando tais objetos de prestígio conforme a moda. Ao estabelecer uma tipologia de suas expressões identitárias, designo de *européus* ao grupo de imigrantes que se caracterizam, principalmente, por apresentarem vestimentas e estilos de vida totalmente ocidentais, mais parecidos com o modelo europeu. No cotidiano, tais sujeitos se apresentam com roupas cuja etiqueta ou marca aparece de forma discreta ou até invisível vestindo, geralmente, camisas sociais e calças *blue jeans* europeias. Este grupo caracteriza-se, ainda, por ter uma educação superior consistente, cursando mestrados e doutorados, alguns falam as línguas inglesa e francesa quase que fluentemente.

Outro grupo de imigrantes identifica-se mais com os *rappers* norte-americanos e a sua cultura, usando roupas estilo *nigger*, como sapatos e meias brancos, bermudas

blue jeans azuis ou pretas caídas e com cinto, cujo tamanho vai até depois do joelho. Normalmente portam vários adereços no corpo, anéis prateados entre os dedos, colares grandes no pescoço, por cima de camisetas interiores ou de camisas desabotoadas, assim como brincos nas orelhas, óculos escuros. Apresentam cabelo curto ou, comprido solto, com tranças de vários estilos. Chamo este grupo de *niggers*. Percebo nestes imigrantes, um investimento significativo em produtos de beleza e cosméticos, sabonetes aromáticos com fragrância forte, xampus e cremes totalmente adaptados à pele e cabelos de pessoas de raça negra, uma mistura entre o estilo *black is beautiful* norte-americano e a pobreza africana. Outra característica destes africanos é a evasão escolar, e ao pouco investimento acadêmico, em compensação um maior investimento em atividades culturais, tentativas de formar grupos musicais. Estes dois grupos apresentam como características em comum: fazem grandes investimentos na aparência, com vestimentas, calçado, telefones celulares e outros celulares, sempre limpos e com brilho.

O terceiro grupo identitário bastante expressivo entre os africanos, são aqueles que se identificam como *afros*, vestindo, quase sempre, roupas africanas. Estes personagens valorizam de forma singular seus corpos e cabelos. Mexem nos cabelos fazendo com tranças diferentes durante a semana, calçam sandálias, e roupas africanas como túnicas, camisetas e calças coloridas e leves. Por conta dos investimentos que fazem na área cultural, ganham algumas habilidades, são vistos pelos brasileiros, como aqueles que melhor representam África e suas culturas, e representados como os verdadeiros africanos. Estes sujeitos “exóticos” recebem uma atenção particular das mulheres brasileiras mais jovens, que se sentem atraídas pelo diferente. Diria que são aqueles que melhor conseguem “furar a peneira” e namorar uma brasileira de classe média.

Por fim, destaco os imigrantes africanos que não se afirmam negros, nem africanos, mas simplesmente *atlânticos*. São oriundos de países insulares da África Ocidental, especificamente, de Cabo-Verde, país com forte tradição de imigração para a Europa e EUA, onde o Brasil às vezes representa local de trânsito. Muitos destes imigrantes têm familiares espalhados pelo mundo e já estiveram em outros países. Devido à maior mestiçagem e miscigenação em seu país de origem, estes sujeitos têm a pele mais clara que a maioria dos africanos. Estes sujeitos demonstram uma distinção e distância social do resto da diáspora africana.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi k. **O Local da Cultura**. 5ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. 1ª reimp. São Paulo: Edusp, 2008.

BRÁS, Janaína. [Estudantes] Africanos na Capital sentem ‘na pele’ o preconceito. **O Povo**, Fortaleza, 22 de ago. 2011. Especial, p. 4.

CASTRO, Mary Garcia. Migrações Internacionais e direitos humanos e o aporte do reconhecimento. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, ano XVI, nr. 31, 2008. p.7-36.

GUSMÃO, Neusa M. **Os Filhos de África em Portugal: antropologia, multiculturalidade e educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio B. de. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. (coords.) FERREIRA, Marin & dos Anjos, Margarida. 5ª Ed. Curitiba: Editora Positivo, 2000.

ITAMARATY. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Temas Educacionais. **Programa PEC-G**. disponível em <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.html>. Acesso em: mai 2012.

MEMMI, Albert. O Imigrante. In: _____ . **Retrato do Descolonizado árabe-muçulmano e outros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. cap. 2, p. 99-185.

MENDES, Pedro Vítor Gadelha. **Racismo no Ceará: herança colonial, trajetórias contemporâneas**. 2010. 95 p. Monografia (Bacharelado Ciências Sociais), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

MOURÃO, Daniele E. **Identidades em Trânsito: África “na pasajen” identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas**. Campinas: Arte escrita, 2009.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, nr. 34, jan./jun. 2010, p.27-34.